

**A PERÍFRASE *IR* + *INFINITIVO*:
UM CONTRASTE ENTRE O PORTUGUÊS E O CATALÃO**

Paula da Costa Souza (USP)
palomitasouza@hotmail.com

A utilização de perífrases é um advento panromânico, ou seja, todas as línguas românicas se servem destas para compor expressões que se encontram, nas línguas modernas, à parte do quadro flexional. Mais ainda, conforme relata Câmara Jr (1954, p. 163), as línguas indo-europeias conheceram essas composições de duas formas verbais “para expressarem categorias ou nuances categóricas que não estão previstas no quadro das flexões”.

A trajetória da composição do futuro românico ilustra a forma como uma perífrase passa de um processo analítico a outro sintético. Recorde-se que sua formação analítica se construía com *habeo* + *infinitivo*; contudo, uma tendência à aglutinação consolidou a forma sintética do mesmo e o levou ao ingresso no sistema flexional de verbos. Sobre a tendência à aglutinação, explica Câmara Jr (1954, p. 163):

A tendência à aglutinação, que às vezes na história linguística faz de uma conjugação perifrástica uma forma flexional (...) depende de três fatores: 1) ascensão em importância da noção gramatical que a perífrase traduz; 2) obsolescência da significação lexical do verbo que entra como auxiliar; 3) possibilidades fonológicas da construção em sua morfofônica.

O português e o catalão, no tocante á perífrase em estudo, a saber, *ir* + *infinitivo*¹⁰, apresentam não somente dissonâncias, já que na primeira língua é usada para denotar ação futura, enquanto na segunda denota ação pretérita concluída. Mas também há consonâncias: o futuro sintético românico, em especial o do português, tem uma trajetória em algo semelhante com o pretérito perifrástico do catalão. Deve-se recordar que o futuro, em desuso no próprio latim, conheceu uma forma analítica, *habeo* + *infinitivo*, que se tornou muito difusa nas línguas românicas, como o português, o galego, o caste-

¹⁰ A perífrase em estudo é formada pelo verbo *ir* conjugado no Presente do Indicativo, que, em português, denota noção de futuro como, por exemplo, *vou falar*, *vamos escrever* etc.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

lhano e o francês. Pois bem, com o uso, essa forma analítica sofreu um processo de sintetização, ou aglutinação, conforme explicado nas linhas anteriores. Dessa forma, aos poucos, o futuro perifrástico românico, após sofrer a aglutinação, galgou terreno e, nas mesmas línguas românicas citadas, modernamente, faz parte do sistema flexional dos verbos.

Observe-se agora em catalão: o pretérito perifrástico, cuja semântica foge do consenso românico de uso da perífrase *ir + infinitivo*, se formou e se mantém como uma forma analítica, ao contrário do futuro simples que, como em português, sintetizou-se. No entanto, e agora se pode ver uma ligação com o português, o uso proficiente dessa forma verbal permitiu sua entrada também para o quadro flexional, mas sem retirar o espaço da forma sintética de pretérito, *Passat Simple*, apenas restringindo o seu uso a algumas variantes ou a alguns âmbitos.

1. Aspecto e tempo

No que concerne às conjugações verbais nas línguas românicas modernas, há uma tendência à orientação pela categoria de tempo em detrimento da categoria de aspecto. Essa estruturação da conjugação das línguas ocidentais modernas, segundo Câmara Jr (1954, p. 125), cujo critério é essencialmente temporal, colabora para que toda a atenção da ação se volte para a referência do momento em que enuncia o sujeito falante, desviando a atenção para o processo e a maneira de execução da ação.

Se, ao contrário, a preocupação estivesse sobre o modo de execução da ação, os verbos evidenciariam essas diferentes maneiras que podem ter as inúmeras situações. Assim, exemplifica Câmara Jr (1954, p. 125):

Rolei (não agora, há tempo; mas – terá sido de chofre? – aspecto pontual– ou aos trambolhões?– aspecto iterativo– ou terei rolado e ficado estendido?– aspecto permansivo– ou terei tropeçado e rolado? – aspecto resultativo– etc).

Ora, são essas segundas circunstâncias que especialmente preocupam o homem primitivo, cujas línguas, de maneira geral, na frase de Lévy-Bruhl, “procuram abarcar os detalhes plásticos e gráficos do que querem exprimir”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Em outras línguas, segundo Câmara Jr (1954, p. 118), contudo, a categoria de aspecto não é relegada a plano secundário, mas, ao contrário, é o eixo condutor das conjugações. A exemplo de línguas que têm como espinha dorsal o aspecto¹¹, o mesmo autor (1954, p. 122) tece comentários acerca do semítico: “é assim que em semítico o tempo verbal já foi praticamente inexistente e ainda hoje só aparece com um caráter fragmentário e secundário. O eixo da conjugação é entre o processo realizado e o processo em realização.” Além disso, estende suas observações ao indo-europeu, ao sânscrito e ao grego (1954, p. 122): de forma análoga ao semítico, se desenvolveu a conjugação do indo-europeu, já que é fácil observar uma oposição “primitiva” entre os aspectos durativo, permansivo e pontual, cuja presença ainda se faz sentir em grego clássico e em sânscrito.

A língua portuguesa, como as neolatinas, em geral, tem a sua orientação flexional apoiada na noção temporal. Aspecto é uma categoria verbal desvinculada da noção de tempo. Dessa forma, a determinação desta categoria verbal se torna uma tarefa um pouco difícil em português, pois não está circunscrita somente à conjugação, devendo-se levar em consideração outros elementos, externos ao verbo, para a sua determinação.

O aspecto, ou seja, a maneira de ser da ação, é observado a partir do ponto de vista de sua duração; seu escopo é apresentar o processo em seu curso. Conforma uma visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. Castilho (1968, p. 14) o considera como uma representação espacial do processo.

O aspecto, apesar de ser uma categoria que mantém relação com tempo, não deve ser confundido com o mesmo. De acordo com Travaglia (2006, p. 38), enquanto o aspecto indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, ou seja, o tempo gasto pela situação em sua realização, o tempo situa o momento de ocorrência da situação à qual se refere no

¹¹ Segundo Castilho (1968, p. 21), as línguas eslavas foram as que mais conservaram a categoria de aspecto. Em teoria, todos os verbos eslavos podem ser perfectivos ou imperfectivos e, “em consequência disso, o pretérito dos verbos imperfectivos equivale ao nosso imperfecto, e o pretérito dos perfectivos ao pretérito simples ou ao mais-que-perfeito, equivalendo o presente ao futuro.”

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

momento de fala. Assim, esta é uma categoria dêitica, visto que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação. A categoria de aspecto, ao contrário, não pode ser considerada como dêitica, pois se refere à situação em si. O autor considera ainda que “o tempo é um tempo externo à situação, enquanto aspecto é um tempo interno à situação”.

Antes mesmo de estabelecer a medida de tempo, é importante, para algumas línguas citadas, estabelecer uma série de maneiras diferentes de considerar a ação expressa pelo verbo. As classificações concernentes ao aspecto não serão aqui enfatizadas.

As línguas ocidentais modernas – românicas e germânicas-, como a portuguesa, estão mais habituadas à noção de tempo, ficando o aspecto em outro plano. A função do tempo é a de marcar a época da ocorrência da ação verbal em relação ao momento em que se fala. Apesar do predomínio desta categoria, um resquício aspectual pode ser encontrado na conjugação latina: a divisão entre as formas verbais em imperfeitas, ou de *infectum*, e as formas perfeitas, ou de *perfectum*, que ainda perdura nas línguas românicas. Segundo Câmara Jr (1954, p. 123), a oposição entre *infectum* e *perfectum* se deve ao tema e se dá da seguinte maneira:

1) o do *perfectum* contém uma alternância vocálica em face do *infectum*, ou uma reduplicação, como – *fácio: fēci, posco: poposci*; 2) ou se individualiza pelo sufixo sigmático ou pelo sufixo –*u-* de origem obscura – *dico: dixi (dicsi), moneo: monui*; 3) ou é o *infectum* que se assinala pelo infixos nasal –*uincō: uici*; 4) ou, finalmente, há uma mudança de raiz – *fero: tuli, sum : fui*.

Na língua portuguesa, por exemplo, há a divisão das conjugações em *imperfeitas (infectum= inconcluso)* e *perfeitas (perfectum= concluso)* no modo indicativo. É possível notar não somente no português, mas também em outras línguas românicas, que a classificação gramatical dos tempos em perfeito e imperfeito se refere, respectivamente, ao aspecto conclusivo e ao inconclusivo. Com isso, pode-se compreender que, apesar da orientação de certas línguas, como a portuguesa, por meio da categoria de tempo, não se pode falar em uma supressão da categoria de aspecto. Conforme assinala Câmara Jr (1954, p. 145), deu-se apenas uma “predominância da categoria de tempo para a classificação e distribuição das formas verbais para o

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

sistema de conjugação. Os aspectos continuam a expressar-se de forma subsidiária.”

Segundo Väänänen (1985, p. 228), a oposição aspectual entre o *Perfectum* e *Infectum* latinos era encontrada tanto no modo indicativo quanto no modo subjuntivo. No entanto, a determinação da noção aspectual é, nas línguas modernas latinas, mais facilmente visualizada nos tempos do indicativo. Conforme as explicações de Castilho (1968, p. 108), o aspecto é marcado mais claramente nas formas indicativas, visto que estas exprimem ações objetivas. Nas formas subjuntivas, a sua atualização é mais escassa, o que quer dizer, portanto, que “volição, possibilidade, intenção, de um lado, e duração, completamento e repetição, de outro, são conceitos que nem sempre ocorrem simultaneamente, o que não nos autoriza, todavia, a afirmar que haja incompatibilidade entre elas.”

As formas temporais correspondentes a cada modo se caracterizam pelo contraste no tocante ao aspecto verbal: o *infectum* indicava a ação em seu desenvolvimento, ao passo que o *perfectum* se relacionava à ação terminada. Ambas as categorias existiam mesmo sem levar em consideração a categoria de tempo.

As possibilidades de expressão do aspecto são maiores entre os tempos do passado, já que há uma relação mais estreita com a objetividade da noção aspectual. Sobre as características e produções do *perfectum* e *infectum* e seus reflexos nas línguas românicas, Väänänen (1985, p. 229) assinala:

El perfecto designa propiamente el resultado actual de un acto que se ha desarrollado en un pasado inmediato o lejano (“presente de memoria”). Además, el perfecto ha adquirido un valor secundario de pretérito (pretérito indefinido) que expresa un hecho que ha tenido lugar en un momento dado, pero que se cuenta o se constata sin más, a diferencia del imperfecto que es su descripción. Una vez que el pretérito venció el primitivo valor de perfecto, se acudió, para indicar el aspecto de estado adquirido, a la perífrasis a base de *habeo + participio* pasivo en acusativo. Estamos asistiendo al nacimiento del nuevo perfecto compuesto, del que serán herederas todas las lenguas románicas.¹²

¹² “O perfeito designa propriamente o resultado atual de uma ação que se desenvolveu em um passado imediato ou distante (“presente de memória”). Além disso, o perfeito adquiriu um valor secundário de pretérito (pretérito indefinido) que expressa um fato que teve lugar em dado momento, mas que se conta ou se constata apenas, diferente do imperfeito que é a sua des-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Câmara Jr (1954, p. 124) reforça essa ideia de Väänänen e acrescenta:

Há um ciclo de destruição e reconstrução. Criam-se formas de aspecto em substituição de outras perdidas. Foi o que se verificou em latim imperial, quando a locução de *habeo* e um particípio passado surgiu para a aplicação permansiva, a que já não se prestava o antigo perfeito, evoluído para *pretérito perfeito: habeo cognitum...* (tenho uma determinada coisa conhecida). É um aspecto permansivo puro que ressurbra, por exemplo, no verso camoniano (Lus. III-120, v. 8, Ed, Epifânio)– “o nome que no peito escrito tinhas”, o qual não significa *que escreveras* (pretérito mais-que-perfeito) *no peito*, mas sim – *que conservavas escrito em teu peito* (permanência de uma ação realizada).

A obliteração do aspecto permansivo dessas formas perifrásticas em romance é, entretanto, um fato inegável, e em francês o *passé composé* sofreu a mesma evolução para pretérito puro que se deu com o perfectum latino.

O aspecto pode ser observado não somente nos tempos flexionais, mas também em construções perifrásticas e em elementos externos às categorias verbais. Nas línguas românicas, difundiu-se uma construção perifrástica, herança do latim vulgar, que se espelha no uso do *perfectum* para designar noção de pretérito. Consensualmente, a construção verbal utilizada por essas línguas para designar tempo pretérito, seja por meio de valor perfectivo ou imperfectivo, foi *habeo + particípio passado*. Esse paradigma perifrástico ganhou terreno e se solidificou, ao longo do tempo, como tempo composto, inserido no quadro das conjugações verbais das línguas românicas.

Em relação ao aspecto, as conjugações perifrásticas desempenham um papel de destaque porque nelas essa categoria tem uma presença fortemente marcada. Para a perífrase em estudo, serão colocadas algumas observações. Sobre as conjugações perifrásticas, Câmara Jr. (1976, p. 170), diferentemente da postura adotada por Travaglia (2006, p. 177), esclarece que a de *ir + infinitivo* é um hibridismo, já que tanto apresenta um valor aspectual quanto modal. O autor concebe que a perífrase plasma tanto a “intenção de fazer algo” = modo, quanto “o que vai acontecer” = aspecto. Câmara Jr., ainda,

crição. Uma vez que o pretérito venceu o primitivo valor de perfeito, acudiu-se, para indicar o aspecto de estado adquirido, à perífrase de *habeo + participio passivo* no acusativo. Estamos assistindo ao nascimento do novo perfeito composto, do qual serão herdeiras todas as línguas românicas.” (tradução livre da autora da dissertação)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

não aceita a ideia de que esta construção é uma mera substituição do futuro simples, visto que, na realidade, o que o substitui, em língua coloquial, é o próprio presente.

Diferentemente do que ocorrera com a construção *habeo + infinitivo*, a perífrase *ir + infinitivo*, embora de uso recorrente tanto na língua escrita quanto na oral, não está prevista dentro do modelo fixo dos quadros de conjugações verbais das línguas românicas. Essa assertiva, porém, não é válida para a língua catalã.

A perífrase *anar + infinitiu*¹³ do catalão se configura, dentro do bloco românico, como um duplo dissenso: em primeiro lugar, a perífrase aparece no quadro das conjugações verbais, o que significa dizer que ocupa o mesmo patamar de um tempo composto; em segundo lugar, e ainda mais relevante, não é usada com valor do futuro simples, mas sim designa pretérito com noção aspectual perfectiva. A título de exemplo¹⁴:

1) “Es veu que no *va parar* fins que *va presentar-los*...”

– “*Vaig caure* d'un arbre i l'os se'm *va partir*.”

As formas exemplificadas convivem ao lado da forma simples do mesmo pretérito. Temos, então, na língua catalã, o *Passat Simple* e o *Passat Perifràstic*. A fim de exemplificar o primeiro, veja-se:

2) “Abans d'obrir la porta del tot, la Teresa *mirà* a dins de la sala.”¹⁵

Considerando todo o acima exposto, passar-se-á a um breve comentário sobre as duas formas analíticas, a do catalão e a do português acerca da expressão da categoria de aspecto.

¹³ Equivale a port. *ir + infinitivo*.

¹⁴ Rodoreda (1984, p. 73, 77). “Vê-se que não parou até que os apresentou...”. “Caí de uma árvore e meu osso quebrou”. (tradução livre da autora do texto)

¹⁵ *Idem*, p. 76. “Antes de abrir a porta totalmente, a Teresa olhou dentro da sala”. (tradução livre da autora do texto)

2. *Ir + infinitivo em português: perífrase de tempo futuro*

Para alguns estudiosos, como Travaglia (2006) o tempo flexional de futuro, ou seja, a forma sintética, não marca qualquer aspecto; nele há referência apenas à situação sem atualização dessa categoria. O tempo futuro atribui à situação uma realização virtual, acarretando no enfraquecimento das noções aspectuais que seriam atualizadas. Igualmente, esse tempo apresenta um valor modal que restringe a expressão do aspecto. Além disso, o autor justifica (p. 137) a não marcação de aspecto da seguinte forma:

As razões pelas quais este dois tempos flexionais, em si, não indicam aspecto parecem vir de duas fontes diferentes: a) em primeiro lugar, eles marcam o tempo futuro que atribui à situação uma realização virtual, até certo ponto abstrata, que enfraquece as noções aspectuais que estão sendo atualizadas, dificultando a percepção das mesmas ou as anula; b) em segundo lugar, esses tempos têm um valor modal, proveniente de seu valor de futuro, que restringe a expressão do aspecto.

(...) não estamos dizendo que não há expressão de aspecto no futuro, (...) mas sim que esses tempos em si não marcam nenhum aspecto.

Da mesma forma se expressa Castilho (1968, p. 109) ao afirmar que “suas muitas funções modais restringem-lhe a atuação no complexo expressivo do aspecto. A noção de aspecto aflora sempre que tais funções se neutralizem, como no caso da repetição do futuro, do futuro perfeito pontual, ou quando se repete o próprio verbo.”

Já outros autores, como Said Ali (1971, p. 163), conforme é possível observar pelo seguinte quadro, atribui à forma flexional de futuro imperfeito do português um valor aspectual.

Quanto à perífrase *ir + infinitivo* da língua portuguesa, tampouco há uma concordância entre os gramáticos. Segundo Câmara Jr. (1954, p. 170), por exemplo, há validação da categoria aspectual (inceptivo) ainda que misturada a um valor modal (intenção de realizar). O próprio autor define o aspecto inceptivo como o que tem a ação em seu princípio, em seu começo, afirmação que leva ao rechaço de sua teoria por Travaglia (2006, p. 32): “O próprio Câmara Jr. diz que com esta perífrase o processo se apresenta como prestes a começar, portanto não pode ser, como se verá, marcadora de aspecto inceptivo”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

| | Conjugação simples | CONJUGAÇÃO COMPOSTA | | | |
|-----------------------------------|--------------------|----------------------------------|----------------------------------|-----------------------|-----------------------------|
| | Aspecto imperfeito | Aspecto perfeito | Aspecto passivo (ou voz passiva) | Aspecto necessitativo | Aspecto do momento rigoroso |
| INFINITIVO | ver | ter visto | ser visto | ter de ver | estar vendo |
| PARTÍCIPIO DO PRETÉRITO | visto | | | | |
| GERÚNDIO | vendo | tendo visto | sendo visto | tendo de ver | estando vendo |
| INDICATIVO: | | | | | |
| Presente | veja | tenho visto | sou visto | tenho de ver | estou vendo |
| Pretérito imperfeito | via | tinha visto | era visto | tinha de ver | estava vendo |
| Pretérito perfeito | vi | tive visto (<i>port. ant.</i>) | fui visto | tive de ver | estive vendo |
| Pretérito mais-que-perfeito | vira | tivera visto | fôra visto | tivera de ver | estivera vendo |
| Futuro | verei | terei visto | serei visto | terei de ver | estarei vendo |
| Futuro do pretérito | veria | teria visto | seria visto | teria de ver | estaria vendo |
| IMPERATIVO | | | | | |
| CONJUNTIVO: | | | | | |
| Presente | veja | tenha visto | seja visto | tenha de ver | esteja vendo |
| Pretérito imperfeito | visse | tivesse visto | fôsse visto | tivesse de ver | estivesse vendo |
| Futuro | vir | tiver visto | fôr visto | tiver de ver | estiver vendo |

Em Travaglia (2006, p. 24) encontra-se sobre as perífrases de futuro:

O futuro normalmente restringe a atualização dos aspectos e nenhum deles se atualiza neste tempo apenas pela ação da flexão temporal. Há sempre a ação de um dos seguintes meios de expressão: perífrases, se-mantema do verbo, adjuntos adverbiais, e a repetição do verbo. (p. 248)

Aqui é possível notar a concordância do autor no tocante à expressão aspectual por meio de perífrase, mas não em relação ao tempo flexional de futuro. O autor discorda dos estudiosos que atribuíram à perífrase em questão o valor aspectual de *iminência*, já que a seu ver, essa construção analítica denota tempo apenas. Apesar de afirmar que *vê* na perífrase de futuro um valor aspectual, como se observou na afirmação anterior, o autor não concebe a perífrase *ir + infinitivo* como meio de expressão aspectual. Da mesma forma que o futuro simples, apenas há a atualização temporal, mas não aspectual.

As formas perifrásticas podem desempenhar diversas funções como: marcar aspecto, marcar voz, marcar tempo ou marcar a modalidade. Vejamos as seguintes frases (*Ibidem*, p. 161):

a) *Vamos atravessar* o rio a nado.

b) Os cavalos *vão partir* dentro de instantes.

Como é possível observar, para o autor, essas formas se restringem à marcação de tempo, sem conseguir atualizar nenhuma noção aspectual. Já no segundo exemplo, pode-se verificar algum valor aspectual em outros elementos frasais que não as perífrases, como o adjunto adverbial “dentro de instantes”.

O aspecto, na perífrase *ir + infinitivo*, em português, só é validado quando construído com o auxiliar no pretérito, como em “*Todo dia ia regar a horta para mim*” (*idem*, p. 177), em que há os aspectos imperfectivo, não acabado e habitual devidos ao pretérito imperfecto do indicativo e à influência do adjunto adverbial “todo dia”.

3. *Ir + infinitivo: tempo composto com validação do aspecto perfectivo*

Nas línguas românicas, difundiu-se uma construção perifrástica, herança do latim vulgar, que se espelha no uso do *perfectum* para designar noção de pretérito (acabamento). Ainda é possível notar, nessas línguas, apesar da predominância da categoria de tempo, noções orientadas pela categoria de aspecto: as conjugações permanecem com a divisão *feito e imperfeito*.

No português e no catalão, bem como no castelhano e no francês, a divisão dos tempos verbais em *feito e imperfeito* é ainda ativo na gramática com as mesmas noções que tinha em sua origem: o primeiro se refere ao aspecto conclusivo, já o segundo, ao inconclusivo.

Ao lado do quadro flexional de verbos, *a posteriori*, surgiram as perífrases. A construção analítica consensual utilizada pelas línguas românicas para designar tempo pretérito com noção perfectiva é *habeo (habeo + participio pasado)*. Esse paradigma perifrástico ganhou terreno e se consolidou como tempo composto, formando parte do quadro verbal das línguas românicas.

Em catalão, os tempos compostos são obtidos a partir da forma pessoal e conjugada do verbo *haver* junto ao participio do verbo que indica o significado das perífrases (*he cantat, hagi cantat* etc). Com essas construções se concebia a ação como perfeita ou acabada,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

mesmo no presente (*he cantat*), no passado (*havia cantat*) ou no futuro (*hauré cantat*). No entanto, Badia i Margarit (1962 p. 385) faz uma ressalva quanto a essas perífrases:

Pero como el hecho de acción acabada implica una idea de anterioridad en el tiempo con respecto a cualquier otra determinación temporal desde la cual se ve precisamente esa acción como acabada, las originarias perífrasis perfectivas se convirtieron en perífrasis de anterioridad, o, lo que es equivalente, en “tiempos” del verbo.¹⁶

A perífrase de *ir* (*presente do indicativo*) + *infinitivo* da língua portuguesa, como se viu, não está prevista dentro do modelo fixo dos quadros verbais. Já a perífrase de *anar* + *infinitivo* do catalão, ainda que represente um dissenso românico, hoje encontra firme terreno como tempo verbal composto que designa pretérito com noção perfectiva, ou seja, tem o mesmo valor aspectual das perífrases catalãs de pretérito formadas pelo verbo *haver*.

O perfectivo é caracterizado por apresentar a situação como completa, isto é, em sua totalidade. Não há tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora e em sua globalidade. Também seleciona, para as frases em que aparece, adjuntos adverbiais de tempo que indicam momentos e períodos de tempo determinados e/ou completos. Para o catalão, acredita-se que esta perífrase não apresente sempre, ou ao menos nem sempre, uma duração depreensível, explícita ou exata, mas pode-se afirmar que a situação que a perífrase expressa é, sem dúvidas, de completamento.

Sobre a classificação dos tempos verbais catalães de acordo com suas características aspectuais, cita-se Badia i Margarit (1962, p. 413):

En catalán, son imperfectos todos los tiempos simples de indicativo y subjuntivo, menos el pretérito perfecto, no en vano llamado así. En ellos nos fijamos en el transcurso o continuidad de la acción verbal, sin preocuparnos de su comienzo o de su término. Son perfectos el pretérito perfecto (simple: 1- *cantí*, o perifrástico: 1- *vaig cantar*), y todos los tiempos compuestos, los cuales adquieren aspecto perfectivo por el parti-

¹⁶ “Mas como o fato de ação acabada implica em uma ideia de anterioridade no tempo com respeito a qualquer outra determinação temporal da qual se vê precisamente essa ação como acabada, as originárias perífrases perfectivas se converteram em perífrases de anterioridade, ou, o que é equivalente, em “tempos” do verbo”. (tradução livre)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

cípio que se une al verbo auxiliar (indefinido de indicativo: 1- *he cantat*, pluscuamperfecto de indicativo: 1- *havia cantat*, anterior: 1- *haguí cantat* o 1- *vaig haver cantat*, futuro compuesto: 1- *hauré cantat*, condicional compuesto: 1- *hauria cantat*, perfecto de subjuntivo: 1- *hagués cantat*. Con ellos nos fijamos en el momento en que queda realizada la acción verbal.¹⁷

O *Passat Simple (cantí)*, o *Passat Perifràstic (vaig cantar)* e o *Pretèrit Indefinit (he cantat)* do catalão são tempos concorrentes, estando ambos circunscritos em uma mesma categoria: denotam noção aspectual perfectiva. O aspecto perfectivo, segundo Travaglia (2006, p. 77), caracteriza-se por apresentar a situação como completa, em sua totalidade. Dessa maneira, a situação pode ser vista de fora e em sua globalidade. O autor, no entanto, faz uma ressalva conquanto a essa noção aspectual (*Ibidem*, p. 85):

É comum no estudo de aspecto dizer-se que o perfectivo apresenta situações como pontual. Se assim fosse, em todas as frases em que tivéssemos perfectivo não poderíamos ter adjuntos adverbiais de duração, mas não é isso o que ocorre (...); pode-se ter a mesma forma perfectiva com adjuntos adverbiais durativos quanto pontuais.

Em suma, pode-se apurar que, a perífrase *ir + infinitivo* do português apresenta diversas discussões sobre a existência ou não de sua categoria aspectual, da mesma forma, essas discussões se estendem ao tempo flexional de futuro do indicativo. Sobre a perífrase, que neste trabalho nos interessa em particular pelo contraste que faz com a língua catalã, inclinamo-nos a aceitar que a perífrase de futuro, *ir + infinitivo*, não valida nenhuma categoria aspectual— apenas expressa tempo verbal futuro.

Não obstante, o valor aspectual perfectivo na perífrase catalã é consensual. O *Passat Perifràstic*, formado por *ir + infinitivo (anar + infinitiu)*, bem como a sua correspondente sintética, expressa aões

¹⁷ "Em catalão, são imperfeitos todos os tempos simples do indicativo e subjuntivo, menos o pretérito perfeito, não em vão assim denominado. Neles nos atentamos ao transcurso ou continuidade da ação verbal, sem nos preocupar por seu começo ou término. São perfeitos o pretérito perfeito (simples: 1- *cantí*, ou perifrástico: 1- *vaig cantat*), e todos os tempos compostos, os quais adquirem um aspecto perfectivo pelo participio que se une ao verbo auxiliar (indefinido do indicativo: 1- *he cantat*, pluscuamperfecto do indicativo: 1- *havia cantat*, anterior: 1- *haguí cantat* ou 1- *vaig haver cantat*, futuro composto: 1- *hauré cantat*, condicional composto: 1- *hauria cantat*, perfecto do subjuntivo: 1- *hagués cantat*. Com eles nos fixamos no momento em que fica realizada a ação verbal." (tradução livre da autora da dissertação)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

passadas consideradas de maneira absoluta, que não necessariamente tenham relação com a expressão temporal.

Chama-nos a atenção que a língua catalã consiga atualizar a sua categoria de aspecto a partir de uma construção cujo verbo auxiliado seja uma forma nominal de infinitivo. Esta forma nominal se caracteriza pela possibilidade de seu desenvolvimento, ou seja, o verbo ainda não está instalado no processo. Fica apenas restrito ao plano virtual. Na construção perifrástica que apresentamos, o infinitivo cumpre um papel muito semelhante ao participípio, que, nas línguas latinas, delimita o término da ação.

O aspecto, como visto, tem maiores possibilidades de expressão nos tempos do passado, já que a nitidez com que se pode observar a situação se liga com a objetividade da noção de aspecto. No catalão, a perífrase de pretérito tem sempre a sua categoria aspectual validada, enquanto em português, por se tratar de uma perífrase de futuro, a perífrase, em si, não é capaz de atualizá-la. Deve-se recordar, ademais, que as noções de volição e intenção, de caráter subjetivo, não mantêm fortes relações com uma categoria tão objetiva quanto o aspecto, o que dificulta, mais ainda, a validação desta categoria em tempos e expressões do futuro e do modo subjuntivo. Por isso, a perífrase *ir + infinitivo* vai em direções tão opostas se consideradas as línguas portuguesa e catalã, o que fomenta uma forte estranheza entre duas línguas que, apesar dessa exceção apresentada, são bastante próximas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIA I MARGARIT, Antoni M. *Gramática catalana*. Madrid: Gredos, 1962.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.

CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 1990.

RODOREDA, M. *Mirall Trencat*. Barcelona: Edicions 62, 1984.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: A categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1985.